

# **CARTOGRAFIAS DE ESCOLAS: A PRODUÇÃO DAS NORMALIDADES E SEUS ANORMAIS**

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon

NEVES, Luciene

BANDEIRA, Rodrigo Alves

NOGUEIRA, Luana

SILVEIRA, Leandro Rocha

O 1º Curso de Formação Continuada de Professores "Cartografias de Escolas - A produção das normalidades e seus anormais" foi uma ação do projeto de pesquisa "CARTOGRAFIAS DE ESCOLAS: acontecimentos cotidianos que movimentam currículos e constituem professorxs e alunxs"<sup>1</sup>, desenvolvido pelo Ateliê de Imagem e Educação – AIE/PPGEdu/UNEMAT, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos – GEPECSCC/CNPq e associado ao Laboratório de Imagem e Educação do PROPed/UERJ. A equipe do projeto compreende que as ações e resultados da pesquisa somente serão reverberados nos cotidianos das escolas, se os maiores envolvidos, que são os professores, movimentarem o projeto com suas experiências e narrativas. Nesse sentido, o curso contou com a participação de professores da educação básica e professores e alunos da graduação e pós-graduação de diferentes instituições do Brasil, apresentando-lhes a obra *Os Anormais*, do filósofo francês Michel Foucault, como intercessora para pensar a produção de normalidades através de dispositivos disciplinares presentes na escola, bem como problematizando como esses dispositivos produzem anormalidades, tornando-se, immanentemente, dispositivos de exclusão, discriminação e preconceito. Objetivamos,

---

<sup>1</sup> Assumimos essa grafia com uso de 'x' no título de nosso projeto com o intuito de borrar a noção binária e normalizadora para gênero, porém não a utilizaremos ao longo do texto por entendermos que é importante garantir boa qualidade de leitura e compreensão por pessoas que necessitam utilizar aplicativos para leitura. Portanto, mesmo utilizando alguns termos no masculino não significa que não problematizamos as representações idealizadas de masculinidades e feminilidades, ao mesmo tempo reconhecemos qualquer expressão que não se identifique com esses binarismos.

assim, problematizar a maquinaria escolar e seus modos de operar com os dispositivos disciplinares produtores de normalidades e seus Anormais. Inicialmente pretendíamos contemplar os professores que participam cotidianamente das ações da pesquisa, abrindo apenas 30 vagas. No entanto, na primeira hora de inscrições no curso as vagas expiraram, levando-nos a abrir um segundo lote, e outro, e outro, chegando a 225 inscritos. Avaliamos com grande alegria essa demanda, pois sabemos tratar-se de um tema incômodo e dissonante ao falar de escola, no entanto, emergente e necessário. O curso aconteceu nas manhãs de quintas-feiras do segundo semestre do ano de 2020 e contou com convidados de renome nacional e internacional, fato que garantiu, do início ao final, um alto nível de participação, interação, produção. Foram nossos convidados de fora da UNEMAT os professores Alfredo Veiga Neto (UFRGS), José Gondra (UERJ), Sílvia Gallo (UNICAP), Antônio Carlos Amorim (UNICAMP), Silas Borges (UFMT), Carlos Eduardo Ferrazo (UFES), Alexandro Rodrigues (UFES), Elenita Pinheiro (UFU). Inicialmente previmos trabalhar pela plataforma Google Meet, no entanto, quando aumentou o número de inscritos e, em comum acordo com os convidados, resolvemos transmiti-lo pelo Canal do YouTube do Ateliê de Imagem e Educação do GEPECSCC (<https://www.youtube.com/channel/UCVviSje7ElojsjxkzfAl3HQ>). Bem, aí está um dos bons encontros que estes tempos de pandemia pelo Corona vírus nos trouxe. Embora tivéssemos 225 inscritos oficialmente no curso, pode-se constatar no canal, alguns encontros com mais oitocentas visualizações. Há de se reconhecer, também, que se não fosse a facilidade do encontro a partir da plataforma digital, dificilmente conseguiríamos agenda com nossos convidados. A avaliação positiva dos participantes do curso pode ser acessada nos comentários dos chats dos encontros, fato que nos fez acreditar que nossos objetivos foram alcançados.

Como atividade final do curso, após oito encontros mediados pela leitura prévia de aulas do Curso *Os Anormais*, proferido pelo filósofo francês Michel Foucault no Collège de France no ano de 1975, e a intercessão de nossos convidados, os inscritos no curso foram orientados a criar um vídeo, compondo cartografias de escolas. O resultado foi espetacular! Cartografias outras, de escolas outras, foram produzidas, quebrando espelhos daqueles que idealizam o espaço-tempo escolar. Convidados ilustres vieram, mas o protagonismo da trama ficou por conta das professoras e professores que participaram do curso. Montaram enredos, dirigiram filmes e expuseram imagens de seus cotidianos, de suas escolas, de suas normalidades, de seus “anormais”.

Que cartografias foram possíveis? É um pouco sobre essa questão que este artigo quer abordar.

### **(RE)INVENTAR PARA (RE)EXISTIR... E CONTINUAR: a prática de um projeto de pesquisa com escolas, currículos, professorxs, alunxs**

Este artigo é resultado parcial do Projeto de Pesquisa “Cartografias de Escolas: **acontecimentos cotidianos que movimentam currículos e constituem professorxs e alunxs**”, que tem por objetivo compor cartografias de *encontros* que acontecem em *espaçostempos* de escolas públicas da zona urbana, do campo e indígena e reverberam nos currículos. A ideia central é não reproduzir códigos estabelecidos que rondam ideais de escola, currículo, professor e aluno. Busca-se experimentar maneiras *outras* de ver, ouvir, sentir e traduzir aqueles *espaçostempos*, seus movimentos, seus habitantes. Com isso, pretende-se compreender sentidos hegemônicos de escola, currículo, professor, aluno, problematizando as condições que possibilitaram a emergência dessas práticas discursivas e não discursivas, desenvolvendo uma análise arque-genealógica (FOUCAULT, 1998). Em seguida, a partir de pesquisas cartográficas (DELEUZE, 1997) desenvolvidas em *espaçostempos* de escolas públicas urbanas, do campo e indígena, narrar sentidos *outros* de escolas, currículos, professores e alunos. A partir desses encontros, pretendemos compor narrativas escritas e audiovisuais que oportunizem “tremores” ao pensamento hegemônico com base nos acontecimentos cotidianos que movimentam esses *espaçostempos*. A concepção teórica que propicia o tipo de análise pretendido situa-se em uma perspectiva que rompe com a ideia de uma investigação que procura um modelo “iluminado” e “verdadeiro” que sirva de parâmetro para o conhecimento. Movimentamo-nos *entre* o pensamento pós-estruturalista, tendo como interlocutores principais Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, Alfredo Veiga-Neto, Sílvio Gallo, Rodrigo Guéron e os estudos dos cotidianos escolares, conversando com Masschelein e Simons (2018), Jorge Larrosa, Nilda Alves, Sílvio Gallo, entre outros autores que se interessam pela escola. A pesquisa é desenvolvida pelo Ateliê Educação e Imagem do PPGEdU/UNEMAT, *campus* universitário de Cáceres. Os acontecimentos narrados a partir dos *encontros* nas escolas serão considerados *intercessores* para o pensamento e mobilizarão as produções escritas e audiovisuais resultantes do projeto, bem como os cursos de formações continuadas oferecidos.

Considerando que não foi possível nenhum encontro com *espaçotempos* escolares de maneira presencial devido a pandemia, reinventamo-nos e nos encontramos no ambiente virtual a partir do Curso, que carinhosamente apelidamos de “Os Anormais”.

## **ESCOLA, COMO COMPREENDEMOS ESSE ESPAÇO-TEMPO?**

“Pisa 2018: Brasil é 57º do mundo em ranking de educação” (REVISTA ES BRASIL, dia 08/12/2019)

“IDH: Educação estagnada ameaça crescimento econômico e produtividade” (O Globo, 08/12/2019)

“Pisa: Brasil fica entre piores, mas à frente da Argentina.” (UOL, 03/12/2019);

“Cenário da educação básica no Brasil é alarmante, aponta IDEB: qualidade na formação do professor e modelo de ensino precisam de mais atenção”. (Matéria de Laura Rachid, Revista Educação, acesso em 09 de dezembro de 2019);

“A escola pública é cemitério de sonhos” (Tabata Amaral, 14 de junho de 2019, NEXO JORNAL)

A escola constitui-se em um maquinário normalizador, colonizador e alienante, que impõe, estabelece e reproduz mais ou menos violentamente certa ordem social? A escola está velha, caquética, desmotivada... a escola está desatualizada, não acompanha as transformações do mundo... na escola não cabe a vida... a escola não alcança os índices... Conservadores e progressistas veem a escola, falam sobre ela, analisam-na e tecem críticas a esse *espaçotempo* que constitui pessoas há, pelo menos, aos moldes modernos, quinhentos anos. Transformamos, neste projeto, em problematizações, as críticas comumente feitas à escola e sintetizadas por Masschelein e Simons (2018). A ideia principal da pesquisa é escavar as ruínas das práticas discursivas e não discursivas que se encontram na escola para potencializar esse *espaçotempo*. Pretende-se, assim, produzir mapas de escolas, acompanhando seus movimentos, sentindo seus cheiros, visibilizando suas dores, potencializando seus sabores, com o objetivo de compor cartografias de *encontros* que ali acontecem, reverberam nos currículos e constituem professorxs e alunxs. A pesquisa será desenvolvida em escolas públicas da zona urbana,

do campo e indígena. A ideia central é não reproduzir códigos estabelecidos que rondam ideais de escola, currículo, professor e aluno<sup>2</sup>. Busca-se experimentar maneiras *outras* de ver, ouvir, sentir e traduzir aqueles *espaçotempos*, seus movimentos, seus habitantes. Com isso, pretende-se, de início, compreender sentidos hegemônicos de escola, currículo, professor, aluno, problematizando as condições que possibilitaram a emergência dessas práticas discursivas e não discursivas, desenvolvendo uma análise arque-genealógica (FOUCAULT, 1998). Em seguida, a partir de pesquisas cartográficas (DELEUZE, 1997) desenvolvidas em *espaçotempos* de escolas públicas urbanas, do campo e indígena, narrar sentidos *outros* de escolas, currículos, professores, alunos, em suas complexidades, pluralidades, singularidades. A partir desses encontros, pretende-se compor narrativas escritas e audiovisuais que oportunizem “tremores” ao pensamento hegemônico. Concomitante ao desenvolvimento da pesquisa, serão oferecidos aos professores das escolas investigadas, cursos de formação continuada a partir das problematizações, produções escritas e audiovisuais resultantes da pesquisa. Em relação às produções audiovisuais, pretendemos produzir filmes, curtos e longos, que acompanhem os movimentos cotidianos das escolas e que provoquem “tremores” ao pensamento hegemônico. Concebemos, com Deleuze, que cinema e realidade não são duas instâncias distintas (GUÉRON, 2011). O cinema, nesse sentido, é descrito como uma potência, uma possibilidade de criação do real. Compreendemos, assim, que as imagens e sons ali produzidos e circulados podem suscitar uma multiplicidade de encontros com os *praticantespensantes* dos cotidianos educacionais que podem criar outras possibilidades para se pensar escolas, currículos, professores e alunos. Guéron prossegue sua narrativa dizendo que os cineastas percebem que “é saindo em busca de um lugar-limite, onde os sentidos se fecham num mundo sem saída para força-los a se abrir em outras perspectivas, que os clichês são desconstruídos” (id., p. 25). Essa é a nossa intenção: problematizar as concepções hegemônicas escola, currículo, professor, aluno, desconstruindo clichês.

Questionamos nesta pesquisa: Existem, nos *espaçotempos* de escolas - nos movimentos cotidianos de currículos - brechas, fissuras, rasgos, que nos permitam pensar/constituir/encontrar uma estética e uma ética outra para esses *espaçotempos*?

Assim, partir dos encontros com escolas distintas, propomo-nos a identificar e quebrar os clichês<sup>3</sup> (Deleuze), potencializando, quiçá, a aparição de outras imagens de

---

<sup>2</sup> Palavras escritas no singular e masculino por se constituírem em representações idealizadas que temos por objetivo problematizar com esta pesquisa.

<sup>3</sup> Para o filósofo francês Gilles Deleuze ( ), “temos esquemas para nos esquivarmos quando é desagradável demais, para nos inspirar resignação quando nos é horrível, nos fazer assimilar quando nos é belo demais. Notemos a esse

pensamento para escolas, currículos, professores, alunos. Essa experiência pode nos levar a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder.

Nossa ideia com esta pesquisa é, em suma, problematizar a identidade (a escola, o currículo, o professor, o aluno) e potencializar a diferença (escolas, currículos, professores, alunos) que constituem os *espaçotempos* da escola. Partilhamos da concepção de que a diferença difere, ontologicamente, da diversidade. A diferença, segundo Silva, está no múltiplo e não no diverso.

A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças – diferenças que são irreduzíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. (SILVA, 2000, p. 100)

Concebemos, assim, que a diferença não pode ser subordinada às relações de representação de igualdade, de identidade, pois o que está em jogo, aqui, é a diferença enquanto singularidade, ou seja: suas relações, que são devires; seus acontecimentos que são hecceidades; seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; seu modelo de realização, que é o rizoma; seu plano de composição, que constitui platôs; aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 8). Questionamos: Diversidade ou diferença? Como se compõe a concepção que habita o imaginário dos *praticantespensantes* da Educação? Existe um lugar constituído em nosso imaginário que seja destinado a habitá-lo? É possível desconstruir esse lugar, compondo narrativas outras de seu cotidiano, e apresentando-as a esse contexto, com o objetivo de forçar o pensar práticas e compor imagens de pensamentos outros para escolas, currículos, professores, alunos?

Compreendemos no projeto, que as imagens e sons podem nos ajudar a compreender os “mundos culturais” que habitam escolas, currículos, professores e alunos, bem como podem fornecer pistas para problematizá-los, questioná-los, desmanchá-los, pensando, conjuntamente, que outros mundos, outras escolas, outros currículos, outros professores, outros alunos, outras sexualidades, outras cores, outras multiplicidades/singularidades, podem constituir diferença em nós; podem nos afetar, constituindo outros modos de conceber e lidar com e a partir da diferença na educação, no cotidiano escolar e no currículo.

---

respeito que mesmo as metáforas são esquivas sensório-motoras, e nos inspiram algo a dizer quando já não se sabe o que fazer: são esquemas particulares, de natureza afetiva. Ora, isso é um clichê. Um clichê é uma imagem sensório-motora da coisa”.

## POR QUE, AINDA, CARTOGRAFAR ESCOLAS?

E deixa-me dizer-te em segredo, um dos grandes segredos do mundo: - Essas coisas que parecem não terem beleza nenhuma - é simplesmente porque não houve nunca quem lhes desse ao menos um segundo olhar.

(QUINTANA, 2012, p. 10)

A ideia de um caminhar deslocando o olhar para ver novamente nos parece uma boa justificativa para a questão que intitula este item. Sempre há um outro prisma para olhar, sentir, pensar o mundo e ver para além do que está instituído, de modo a permitir estar fora de uma posição unilateral e engessada e nos permitir “cultivar a arte de inventar” (OLIVEIRA, 2010, p. 87) novos olhares, *afectos* e *perceptos* (DELEUZE, 1995) sobre coisas corriqueiras...

Nossa intenção é potencializar *microacontecimentos*<sup>4</sup> que habitam o *espaçotempo* escolar e que, muitas vezes, escapam ao nosso olhar. Propusemo-nos, neste texto, a olhar a escola a partir do olhar de professoras e professores que a habitam e compuseram vídeos com imagens e sons que nos permitem acompanhar seus movimentos de forma mais vagarosa, atenta, rigorosa, afetiva. A partir dessa pausa para olhar desapressadamente, abrimo-nos a *encontros* que possam produzir sensibilidades outras, capazes de mobilizar modos outros de sentir, pensar e agir em relação aos dispositivos que habitam e fazem funcionar a maquinaria escolar. Encantar-nos por coisas pequenas e inapreensíveis que possam agenciar “outras maneiras de existir, produzir aprendizagem e estabelecer diferentes dimensões de sentido e contagem” (OLIVEIRA, 2010, p. 98).

Apostamos nos conceitos de *experiência* proposto por Larrosa (2014) e de *agenciamento* criado por Deleuze e Guattari (1995). Entendemos a experiência como aquilo que nos passa, nos toca, afeta e modifica; enquanto possibilidade de descobertas que fogem aos nossos sentidos e afloram novas possibilidades de olhar/pensar/sentir/ouvir o mundo. Assim, concebemos a experiência como fruto de agenciamentos que são estabelecidos a partir de *encontros* com o outro e de conexões que trazem potências de *ser* e *agir*. Os agenciamentos se “formam e igualmente se desfazem

---

<sup>4</sup> Apoiamo-nos na noção de *microacontecimento* para denotar importância aos pequenos, quase invisíveis, *acontecimentos* que ocorrem em nosso cotidiano.

no ‘calor’ dos encontros no cotidiano” (OLIVEIRA, 2010, p. 96). Acreditamos que essas noções nos possibilitaram, mesmo em tempos de distanciamento social, sentir a escola a partir de todos os sentidos (ALVES, 2015) e, quiçá, poderão causar perplexidades, “tremores” ao pensamento, a partir de situações que habitam nos cotidianos escolares, que movimentam os currículos, que constituem sujeitos professores e alunos, e que sempre estiveram ali, mas que nosso olhar acostumado, não vê.

Nossa intenção é problematizar, assim, esse lugar nomeado como normalizador, utópico, disciplinador, desenvolvimentista, excludente, desagradável, enfadonho, anacrônico, obsoleto; uma instituição entendida como mero espaço de transmissão de conhecimentos científicos; um lugar “das impossibilidades, o lugar do não” (ALVES; GARCIA, 2000a), etc.; mas que, ao mesmo tempo, é visto como um lugar de possibilidades indetermináveis, o “espaço de sonhos” (ALVES, 2003), um ambiente “amigável e solidário de aprendizagem”, iluminado pelo brilho dos inícios (ALVES, 2001), o *espaçotempo* de “redes de múltiplas relações e movimentos” (ALVES; GARCIA, 2000a), um espaço de permanente *devir*, enfim, sobre o lugar que “nos puxa da nossa ‘direção natural’, que nos força a atravessar o rio e deixar o nosso ninho” (LARROSA, 2017, p. 38), um lugar chamado *escola*.

Ao compor cartografias de escola, objetivamos elogiar a escola. Inspiramo-nos em Larrosa, para justificar a palavra elogio. Elogiar, em seu sentido grego, é “mostrar o que ela é, de mostrar as virtudes da escola” (LARROSA, 2017, p. 15).

Buscamos uma leitura diferente sobre o que é a escola e dos elementos que a compõem. Empenhamo-nos em exercitar a sensibilidade e senti-la com todos os sentidos.

escutar a escola, sentir a escola, prestar atenção na escola, sem deixar seduzir ou distrair pelos ornamentos, pelo que a escola não é. E isso não para petrificar a escola, ou para dar uma ideia fixa, rígida, dogmática, do que a escola é, mas manter viva a pergunta “o que é a escola?” (LARROSA, 2017, p. 252).

Nas palavras de Masschelein (2018), pretendemos *fazer visível o invisível, dizível o indizível, sentível o insentível*, e viver a situação de *Kóans*, proposta por Alves (2001), isto é, cair nas rachaduras, fissuras, brechas de nossos saberes e poderes e, quiçá, nos tornar outros.

## **CARTOGRAFIAS DE ESCOLAS**

O nosso Grupo de Pesquisa foi potencializado com o feliz encontro que tivemos com os professores e professoras convidados no curso “Os Anormais”. Foi um encontro que nos ajudou a compreender o pensamento de Foucault e a nós mesmos, como professores, a partir desse conceito que, passado apressadamente, não incomoda ninguém, a NORMALIDADE. Afinal, é normal ser normal, né! Só que não. E vimos a reverberações desse “só que não”, em todas as produções audiovisuais que chegaram até nós. Essas produções celebram o êxito do curso. Aliás, com essas produções foi possível compor as cartografias de escolas que nosso projeto objetivou. Não tínhamos, no início do projeto, que coincidiu com o início da Pandemia, como ir para a escola... não tínhamos como compor cartografias sem o contato com aqueles que considerávamos os elementos essenciais: professores, alunos, equipe pedagógica, espaços, tempos, práticas que movimentam aquele cotidiano. Foi então que pensamos em fazer esse curso de formação continuada de professores.

No final do curso, ao assistir aos vídeos produzidos, colocamo-nos a pensar sobre como compor Cartografias de Escolas. Analisar os vídeos? Revisitar temas trabalhados por Foucault e amplamente discutidos no curso? Não nos pareceram boas ideias. Assim, a partir da leitura do livro “Esperando não se sabe o que – exercício de ser professor”(LARROSA, 2018), de Jorge Larrosa, pensamos esta cartografia.

Larrosa (2018) narra, no primeiro capítulo, sua experiência de professor no curso que ministrou na Universidade de Barcelona, juntamente com Núria Perez, no ano de 2017. Ele diz que

A escola é para o professor, o que a padaria é para o padeiro, a cozinha é para o cozinheiro ou o sapato é para o sapateiro: sua oficina, seu laboratório (se entendemos por laboratório, lugar para seu labor), seu ateliê (se entendemos por ateliê o lugar onde ele atua, o lugar onde ele exerce seu ofício, onde mostra suas habilidades e onde estão tanto suas matérias-primas quanto suas ferramentas ou seus artefatos. Da mesma forma que um vocabulário material de carpintaria poderia ser parte do vocabulário do ofício de um carpinteiro, um vocabulário material da escola deveria fazer a escola falar, deveria ser capaz de fazer com que a escola diga alguma coisa sobre o que ela é.

Larrosa e Núria propuseram, à época, que os estudantes do seu curso fizessem um exercício sobre o vocabulário da escola. Nesse exercício as palavras que apareceram para compor o referido vocabulário foram: biblioteca, mochila, pátio, encontro, sala, gesto, imagem, novidade, perspectiva, representação, recreio, desenho, extracurricular, excursão, refeitório, atenção, escrever, ler, silêncio, presente, lento, valores, caderno, campanha, quadro-negro, uniforme, saber, paciência, disciplina, estudante, matéria,

amor, comum, cotidiano, localização, interesse, professor, relação, fila, classe, amorismo, liberdade, tempo, encarnação, horário, humanização, poder, público, espaço, aluno, aprendiz, olhar, jogo, carteira, amigos, descontextualização, autonomia, artesanato, alteridade, experiência, reflexividade, esferográfica, esforço, hábito, livro, escola, avental, inclusão, lápis, respeito, emoção.

Tudo isso foi dito, segundo o autor, com o objetivo do curso de “dar a ver o ordinário e material da escola”.

Aí, pensamos: seriam as nossas escolas, aqui do Sul, tão diferentes, tão distantes assim, daquelas existentes lá em cima, no Norte? Seriam nossas escolas tão distintas daquela escola ideal, narrada no alfabeto da turma de Larrosa?

Realizamos o mesmo exercício por ele proposto, a partir das narrativas apresentadas nos 40 vídeos produzidos pelos participantes do curso “Cartografias de Escolas”. Tivemos o cuidado de não nos deixarmos *seduzir ou iludir por seus ornamentos, pelo que a escola não é*.

Qual vocabulário foi possível compor? Se tiverem paciência, vamos contar a vocês:

Abaixo assinado, aberração, abrir a mente, ações, acolhimento, água benta, aids, aluno-do-canto, amar, amor, anomalia, anormalidades, ansiedade, atitudes, aula-pervertida, autista, banheiro, banheiro, banheiros inclusivos, bichinha, *bullying*, burburinho, cadeirantes, castigados, camisinha de chocolate, campo, cansados, cantar, cantinho do pensamento, capacitação, códigos, complexidade, comportamento, compreensão, concentração, conhecimento, conquistar, consertar, conserto, constrangimento, controle, convivência, corpo, corpo, corpos, corrente, cortes, cotidiano, criança-viada, criar, criticidade, dedicação, efeito, demônio, defeito, desassossego, desinteresse, desrespeito, destino, Deus, diagnósticos, diferença, diferença, direito, direitos, disciplinar, docilidade, doença, drogas, educador, efeito-borboleta, emancipação, empatia, enquadramento, entendimento, entortar, erros, escape, espaço, esquisitice, exclusão, exclusão, existência, *fake News*, falha, falta de estrutura, falta de recurso, falta de família, família, forjar, *gay*, gênero, gestão, gestos, gravidez, hermafrodita, homofobia, identidade, identidade, igual, impensadas, implosão, incorporação, indígenas, inquietação, intersexo, invenção, invisibilizado, julgamento, julgamento, julgamento, lgbs, lutar, lutas, luto, macro políticas, maltratado, mãos, marginalizados, masturbação, matriz-africana, medicalização, medir, medo, medo, menino-calcinha, menino-maquiado, micropolíticas,

micro revoluções, minoria, mistura, monstros, monstruosidade, mortes, mudança-postura, mudar, mutilado, negros, normas, ódio, olhar, opinião, outridade, ovário, padre, padronizado, pandemia, papo-cabeça, particularidades, pastor, patologia, pavor, pênis, pênis-criança-boca-outra-criança, persistência, pertencimento, corpo igual, corpo oposto, poderes-encarnados, política, potencialidade, prazer, preconceito, preconceito, preparo, problema, professor-gay, projeto, psicólogo, psicopedagogos, racismo, reafirmação, real, reconstrução, regulamentador, religiosidade, religiosidade, remédios, repreensão, resistência, resistência, respeito, reza, rodinha, saber, ser quem quiser ser, sexo, silêncio, síndrome de Down, Sofridos, sonhar, sucateados, sumiço, surrados, TDH, testículos, tic-tac, tolerância, trauma, turma A e B, útero, vagina, vergonha, vida, virgindade, viver, vivos, vontade, vozes, xx, xxy, xy...

Cartografias de escolas... seguimos compondo!

## **CARTOGRAFIA – uma grande preparação!**

Não há método, não há receita,  
Somente uma grande preparação.  
(Gilles Deleuze)

*Não há métodos, não há receitas... mas, como diria Foucault em A ordem do discurso, a academia nos impõe formas ritualizadas, não tendo muito como fugir de um Discurso do método, mesmo sendo ele, uma grande preparação.*

Então, vamos lá!

Narramos acima, um pouco de como aconteceu o primeiro momento de nossa pesquisa, tendo que se reinventar devido a Pandemia. Temos por objetivo, como já dito, problematizar os *encontros* que acontecem em escolas públicas do município e reverberam em Currículos, não reproduzindo códigos estabelecidos, mas experimentando maneiras *outras* de ver, ouvir, sentir e traduzir aqueles *espaçostempos*, seus movimentos, seus habitantes.

Para cartografar sentidos *outros* de escolas, currículos, professores, alunos, que acontecem em *espaçostempos* de escolas públicas urbanas, do campo e indígena, adotamos a Cartografia como inspiração metodológica.

Compor cartografias de escolas, esta é a ideia principal! Propusemo-nos, com o curso, a mapear escolas? Não apenas, mas também. A cartografia aqui enunciada tem

inspirações deleuzianas e se propõe a acompanhar movimentos daqueles *espaçotempos*, perceber relações, compor jogos de saberes e poderes, identificar enfrentamentos de forças, lutas, jogos de verdade, discursos, enunciações. Propõe-se a problematizar processos de objetivação, de subjetivação, de produção do si, de estetização de existências... Propõe-se a potencializar práticas de resistência e de liberdade. Assim, não se trata de um método geográfico apenas. Trata-se de estar no meio... acompanhar o fluxo... sentir os acontecimentos cotidianos que movimentam as escolas, compõem currículos, constituem os sujeitos que ali habitam e, muitas vezes, não são visibilizados pelo discurso hegemônico.

Uma pesquisa cartográfica é, para Deleuze (1997, p. 75), muito distinta da concepção arqueológica. A concepção arqueológica é, para o filósofo, profundamente “memorial, comemorativa ou monumental, que incide sobre pessoas e objetos, sendo os meios apenas terrenos capazes de conservá-los, identificá-los, autenticá-los”. Nessa concepção, há uma superposição das camadas que é atravessada por uma flecha que vai de cima para baixo, e trata-se de sempre afundar-se (id). Ao contrário, a concepção cartográfica age por mapas que se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem. De um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos. Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, que necessariamente vão de baixo para cima (id). Assim, procuramos, neste artigo, apresentar como acompanhamos os deslocamentos que acontecem na escola, compondo afetos, e, a partir daí, construindo bocados de cartografias dessa experiência. Trazemos aqui, mapas permeados por impasses e aberturas, limiares e clausuras possíveis de serem narrados por estarem na superfície e por procurarmos, também, na superfície. A cartografia deleuziana requer agenciamentos. Nesse sentido, procuramos, a partir dos vídeos produzidos pelos professores que movimentam cotidianos escolares, constituir agenciamentos com professores, alunos, comunidade escolar, com práticas discursivas e não discursivas que compõem escolas e currículos. Procuramos nos colocar no meio... estar entre... brincadeiras, atividades, pátio, banheiros, corredores, portões, percursos, conversas, gestos, silêncios, sorrisos, comidas, cheiros, a partir dos vídeos apresentados no curso. Todos se afetando e nos afetando. Agenciar, para Deleuze, é isso: estar no meio. E o francês prossegue, citando Lawrence: “o essencial é tornar-se perfeitamente inútil, se absorver na corrente comum, tornar-se novamente peixe e não bancar os monstros; o

único proveito, dizia cá comigo, que posso tirar do ato de escrever, é o de ver desaparecer com isso as vidraças que me separam do mundo” (id: 66).

A cartografia possibilitada nesse meio nos apresenta uma escola outra, que grita para que ouvidos surdos pelo modelo hegemônico de escola a ouça. Nós ouvimos... e gritamos, juntos/as/es, também!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda Guimarães; GARCIA, Regina Leite. **A invenção da escola a cada dia**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.

ALVES, Nilda Guimarães; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola**. 2. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000b.

ALVES, Nilda Guimarães. **A aula: redes de práticas – os processos cotidianos de ensinar e aprender**. (Tese de titular). Faculdade de Educação/UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2000c.

AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva. **Tecnologias digitais nas escolas: outras possibilidades para o conhecimento**. 1. ed. – Rio de Janeiro: De Petrus et Alii; Brasília, DF: CAPES, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Vozes Editora, 1998.

DELEUZE, Gilles. ¿**Que és un dispositivo?** Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1995.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa. ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes e saberes**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

GUÉRON, Rodrigo. **Da imagem ao clichê do clichê à Imagem: Deleuze, cinema e pensamento**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, v. 27, n. 2, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. – 4. ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Tradução Cristina Antunes. 1. ed. - Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Espaço pantaneiro**: cenário de subjetivação da criança ribeirinha. Curitiba: CRV, 2017.

\_\_\_\_\_. A rotina do currículo na Educação Infantil. E a potência do ritmo? In: GRANDO, Beleni (org) **Crianças – infâncias, culturas e práticas educativas**. Cuiabá, EdUFMT, 2012.

\_\_\_\_\_. Experiência Coletiva: a força política da narrativa sobrevive no pantanal mato-grossense. In: CARMO, Jefferson Carriello do (org.) **Instituição escolar na diversidade: políticas, formação e práticas pedagógicas**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. saberes ribeirinhos: o pantanal dobrado na alma das crianças que o habitam. In: RIBETTO, Anelice (org.). **políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

\_\_\_\_\_. **Amizade... um refúgio necessário à educação de crianças (um filme, uma abertura à infância e ao mundo)**. Seminário REDES, ProPED, UERJ, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. -2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Práticas cotidianas e emancipação social**: do invisível ao possível. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP et Alii, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. – Petrópolis: DP et Alii, 2008.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p.159-178, set./dez. 2012.

QUINTANA, Mário. **A cor do invisível**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. – 2. ed. – Porto Alegre: Sulina, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

[enredo do vídeo produzido]

O ano foi 2020, em pleno século XXI.

Uma pandemia pelo Novo Corona Vírus arrebatou o mundo.

Tudo parou!

Dores, Medidores, Máscaras, álcool em gel, UTIs, Mortes, Lockdowns passaram a compor vocabulários cotidianos.

Ciência, vacina... potência de vida!

Governo, genocídio... potência de morte!

Escolas fechadas, aulas *on line*, atos de criação forçados, consumo intenso de dados, stress, invasões, impotência, outras doenças.

Tudo isso acontecendo e nós? tentando apostar na vida.

O Projeto Cartografias de Escolas, não tendo o espaço-tempo das escolas para cartografar, se reinventou. A partir do Curso “Os Anormais”, ministrado pelo Filósofo Francês Michel Foucault no ano de 1975, no Collège de France, desenvolveu um curso de formação continuada a professoras e professores da Educação Básica sobre Escola, a produção das normalidades e de seus “anormais”. Convidados ilustres vieram, mas o protagonismo da trama ficou por conta das professoras e professores que participaram do curso. Montaram enredos, dirigiram filmes e expuseram imagens de seus cotidianos, de suas escolas, de suas normalidades, de seus “anormais”. Ao todo foram 40 vídeos, vindos de professoras e professores da educação básica ou grupos de pesquisas de várias universidades do Brasil.

Que cartografias foram possíveis?

[com leitura pausada]